

Apresentação

Leonardo Vianna¹

O dossiê temático do presente número da revista *interFACES*, intitulado “África: artes e pensamento”, traz para o centro da discussão as contribuições que o continente africano legou ao mundo em áreas que historicamente foram atreladas apenas ao mundo ocidental. Durante séculos, o território que receberia a alcunha racista de “continente negro” ficou marcado como um lugar marcado pelas doenças, pelo clima inóspito e pela maldição de Cam – do qual, segundo o cristianismo, todos os africanos seriam descendentes –, por isso, seria impossível que seus habitantes se destacassem no campo da cultura e do conhecimento. A partir de uma perspectiva orientalista, o africano fora construído, ao longo de séculos de contato com o Ocidente, como o duplo, o oriental do europeu, sobre ele foram atribuídas características como a violência, a selvageria, o desejo sexual desenfreado etc., tudo aquilo que o sujeito europeu era e não queria se identificar.

Embora a finalidade do colonizador e do missionário fossem conquistar o espírito e o corpo dos africanos, o que se viu durante e após os séculos de escravidão foi a formação de um grande caldeirão de línguas, culturas e saberes cujo centro foi o oceano Atlântico. Lugar de morte para dezenas de milhares de escravizados, mas também lugar de potência onde resistir se tornou um imperativo dos sujeitos submetidos àquela condição e dos seus futuros descendentes. Através do sincretismo religioso, por exemplo, o culto aos orixás africanos sobreviveu no culto de santos católicos; alguns gêneros musicais e danças, como o samba e o maxixe, são outros exemplos de como a interseção de culturas americanas, africanas e europeias foi extremamente produtiva no campo das trocas culturais.

Neste número, as literaturas africanas em língua portuguesa estão representadas em três artigos: Vanessa Ribeiro Teixeira, no artigo “Do nada social ao tudo que a poesia convoca: encontros entre o movimento da negritude e a poesia africana de língua portuguesa” reflete sobre as aproximações e distanciamentos entre poetas africanos que escreveram em língua portuguesa com o movimento Negritude. Esse movimento, cujos principais nomes são de poetas provenientes de colônias francesas das duas pontas do Atlântico – Aimé Césaire, originário da ilha da Martinica, no Caribe, e o senegalês Leopold Sédar Senghor –, objetivava a construção de uma identidade negra positiva. O segundo artigo, “A África concreta no imaginário de Ruy Duarte de Carvalho”, de Carmen Tindó Secco e José Antonio Gonçalves, pretende justamente questionar a visão ocidental sobre África como “coração das trevas” e o “continente negro”, tão presente nas produções literárias de grandes impérios coloniais, como o inglês e o francês, ao mesmo tempo em que apresenta uma visão concreta do continente africano em obras do escritor angolano Ruy Duarte

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista Capes.

E-mail: leonardoviannads@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7714-8885>.

de Carvalho. No terceiro artigo, também teremos um autor africano em língua portuguesa sendo analisado: trata-se de Pepetela. Em “O império visto da margem em *A geração da utopia*, de Pepetela”, João Victor Sanches da Matta Machado discute o império português a partir de uma perspectiva marginal. O tema da construção da identidade nacional angolana em tensão com a identidade imperial portuguesa é relevante porque escreve um capítulo a mais no debate sobre a formação de identidades nacionais africanas durante e após os processos de descolonização de colônias.

Deixando Angola para trás, o artigo de Ruan Nunes pretende analisar o romance *Freshwater*, da nigeriana Akwaeke Emezi. No texto “Como ogbanje descolonizam o Ocidente: um exercício estratégico de três passos em *Freshwater*, de Akwaeke Emezi”, a partir de uma perspectiva decolonial, Nunes empreende uma discussão sobre o exercício de descolonização do corpo, da mente e da visão da protagonista, Ada, habitada por ogbanje, termo sem tradução e que se refere a um/alguns espírito(s) da tradição igbo que nascem como crianças, atormentam as famílias, morrem e depois retornam na mesma família. A opção de Nunes por uma linguagem inclusiva para se referir aos espíritos que habitam Ada e que por vezes tomam controle do seu corpo é interessante e nos convida a pensar e questionar as rígidas normas de gênero e linguísticas que herdamos do sistema-mundo ocidental.

Os artigos “Olha nós aí: uma leitura do jongo do irmão café, de Wilson Moreira e Nei Lopes”, de Patricia Soares Paterson, e “Uma análise psicanalítica de Exu na comissão de frente do G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio”, de Victoria Barros e Luciana Persice Nogueira-Pretti, tematizarão, respectivamente, as contribuições de ritmos africanos para a música popular brasileira, em especial, o jongo, dança afro-brasileira de origem angolana, segundo Cravo Albin (2022, on-line), e uma análise psicanalítica da representação carnavalesca do orixá Exu, cultuado nas religiões de matriz africana. Na análise sobre o *Jongo do irmão café*, a autora nos apresenta a condição e as contribuições do negro na sociedade brasileira; no texto a respeito de Exu e suas muitas facetas levadas à avenida no desfile da G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio no Carnaval do Rio de Janeiro de 2022, as autoras darão enfoque ao sincretismo do orixá e suas problemáticas a partir de uma perspectiva junguiana.

Na seção *Varia*, Fabiano Dalla Bona apresenta um panorama da paisagem urbana da cidade siciliana de Siracusa presente na obra do escritor Vincenzo Consolo. Entre mito e degradação, Consolo evoca imagens da Magna Grécia, da Cristandade e da contemporaneidade em uma escrita rebuscada, com citações e imagens oníricas que ressignificam antigos estereótipos sobre a “Ilha do Sol”.

A resenha “South-African Folk Tales” que encerra este número, de autoria de Elizabete Carolina Tenorio Calderon, debaterá novamente sobre as narrativas de *South-African Folk Tales*, em que seus personagens são representações do arquétipo do *trickster*, aquele ser irônico, astucioso e que subverte a ordem e a lógica – como o próprio Exu apresentado no desfile da Acadêmicos do Grande Rio. A partir dessa coletânea publicada em 1910 por James Albert Honey, Calderon chama atenção não só para as narrativas cujos personagens eram, em sua maioria, representações de animais típicas do

imaginário de povos da África do Sul e Botsuana, mas também para a forte presença da oralidade nessas narrativas.